

Noctes Atticae: a etimologia antiga na obra de Aulo Gélío (120-180 d.C.)

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i3.3862>

Raphaella Nasser¹

Alessandro Jocelito Beccari²

Resumo

Este artigo apresenta uma etimologia antiga possível nas *Noites Áticas* (*Noctes Atticae*) do jurista latino Aulo Gélío (120-180 d.C.). Sob a luz da Historiografia Linguística (HL), propomos uma análise, a partir de passagens escolhidas da obra, acerca da presença de uma reflexão gramatical no que tange à definição e à origem das palavras, especialmente à utilização de neologismos e ao resgate de arcaísmos à época pelos falantes. Assim, conseguimos apreender uma existência da etimologia antiga enquanto possibilidade de reflexão junto ao contexto historiográfico.

Palavras-chave: Aulo Gélío; *Noites Áticas*; Historiografia Linguística; Etimologia antiga.

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil; raphaella.nasser@estudante.ufjf.br; <https://orcid.org/0000-0002-1634-3572>

² Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Assis, São Paulo, Brasil; a.beccari@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-6230-741X>

Noctes Atticae: Ancient Etymology in Aulus Gellius' (120-180 AD) work

Abstract

This article presents a possible ancient etymology in *Attic Nights* (*Noctes Atticae*) by the Latin jurist Aulus Gellius (120-180 AD). We propose an analysis based on selected passages from the work in light of Historiography of Linguistics (HoL), regarding the presence of a grammatical reflection concerning the definition and origin of words, focusing especially on the use of neologisms and the recovery of archaisms by speakers at that time. Thus, this study demonstrates the existence of ancient etymology as a possibility for reflection within the historiographical context.

Keywords: Aulus Gellius; *Noctes Atticae*; History of Linguistics; Ancient etymology.

Considerações iniciais

Aulo Gélío (em latim, *Aulus Gellius*) foi um jurista e autor latino, nascido no século II d.C., por volta do ano 122 (Cecato, 2005, p. XI). Tendo vivido sob o governo de Púlio Élio Adriano, o autor obteve uma educação de cunho erudito. Segundo Cleuza Cecato (2005, p. XIXII), Gélío tornou-se, na época em que esteve em Roma, discípulo de Sulpício Apolinário; foi educado por Cornélio Frontão e estudou a arte da retórica com Tito Giuliano; posteriormente, foi à Grécia, conheceu o cônsul Erode Ático, começou a se aperfeiçoar com o filósofo romano Favorino de Arelate, que conhecia a língua grega. Entre 147 e 152, o referido autor obteve o título de juiz *extra ordinem*; retornou à Grécia, onde se encontrou com o filósofo Peregrino Proteu². Assim, é perceptível que há uma grande variedade em sua formação e construção intelectual, já que obteve um contato não somente com a língua latina e grega, mas também com outras estruturas linguísticas e culturais, o qual foi bastante diversificado. Concomitante a tudo isso, ele construiu o que viria a ser a obra *Noctes Atticae*. Esta começou como um ensaio, conforme o próprio escritor discorre³:

Mas visto que em longas noites de inverno no território, assim como eu disse, da terra Ática, começamos a nos divertir e a compor estes ensaios, por isso os intitulamos das **Noites Áticas**, em nada tendo nós imitado as jovialidades de títulos que numerosos outros escritores de uma e outra língua deram a livros deste gênero (Gélío, 2010, p. 23, grifos próprios).

3 No original: "Sed quoniam longinquis per hiemem noctibus in agro, sicuti dixi, terrae Atticae comentationes hasce ludere ac facere exorsi sumus, idcirco eas inscripsimus **noctium** esse **Atticarum** nihil imitati festiuitates inscriptionum, quas plerique alii utriusque linguae scriptores in id genus libris fecerunt" (GELLIUS, A. *Noctes atticae*. Ed. P. K. Marshall. Nova York: Oxford University Press, 1968).

Inicialmente, *Noites Áticas* teve seu desenvolvimento sob as “longas noites de invernos” da cidade grega, ao finalizar os estudos que Gélío havia começado em solo romano⁵. De acordo com Cecato (2005, p. II), a composição do livro não segue uma ordem temporal, tampouco uma temática específica, a qual havia sido feita por intermédio de anotações acerca de fatos que ocorriam com o autor ou quando este, com livros de língua grega e latina, refletia sobre “qualquer assunto digno de memória”. Ainda segundo a referida pesquisadora (2005, p. XIV), essas anotações tornaram-se um compilado que, por sua vez, transformou-se em 20 livros, divididos em 398 capítulos; dentre estes, 246 deles versam sobre o que Cavazza (*apud* Cecato, 2005, p. XIV) denomina de especulações e reflexões gramaticais. No que se refere às temáticas abordadas por Aulo Gélío, pode-se encontrar uma variedade delas, tais como: “gramática, matemática, nomenclaturas do direito civil e religioso, astronomia e antiguidades (antropologia)” (Cecato, 2005, p. XIV). Desse modo, alguns pesquisadores do escritor romano propõem a denominação dos capítulos enquanto crônicas (Bassetto, 2010, p. 10; Cecato, 2005, p. II), acerca do qual temos acordo, principalmente por compreendermos esse gênero literário enquanto uma compilação de fatos históricos e temas diversificados. Ademais, ainda referente à obra de forma geral, Gélío cita cerca de 250 autores distintos, gregos e latinos, “cujas obras, totalmente ou em parte considerável, perderam-se e de outros dos quais nem sequer os nomes saberíamos sem as referências aulogelianas” (Bassetto, 2010, p. 11).

Como dito anteriormente, grande parte de *Noites Áticas* versou sobre questões envolvendo a gramática. Cecato (2005, p. XVII), então, esquematiza os livros e capítulos, os quais foram traduzidos por ela, a partir de três categorias principais: Morfonologia/Ortografia⁴; Sintaxe⁵; e Etimologia⁶. À vista disso, para este artigo, escolhemos fazer a análise e reflexão de alguns capítulos que estão inseridos neste último critério, a fim de não apenas propor uma discussão mais produtiva, dando enfoque à construção variada sobre o assunto, como apreender a diversidade voltada à reflexão etimológica na antiguidade. Para isso, trazemos uma parte geral da análise na qual se evoca, a partir de passagens escolhidas cuja temática é discutida brevemente, tanto a questão etimológica quanto a estilística. Em seguida, fazemos uma breve apresentação da etimologia na antiguidade e como seu estudo se relaciona com o quadro de análise da Historiografia Linguística. Em seguida, em um capítulo mais extenso, aprofundamos nossa reflexão sobre a maneira como Aulo Gélío transmuta a realidade da discussão sobre etimologia para o campo da anotação. Por fim, apresentamos nossas considerações finais sobre o autor e a obra junto ao campo da Historiografia Linguística.

4 Cf. Cecato, 2005, p. XXII: “Neste bloco coloquei os capítulos que tratam das formas e constituição de palavras, criação de outras tantas e de inserção de letras diferentes na grafia para representar sons provenientes, em sua maioria, de palavras gregas.”

5 Cf. Cecato, 2005, p. XXIII: “Para este grupo foram os capítulos que tratavam de aspectos relacionados à organização sintática das palavras, principalmente relacionados a observações de concordância e regência.”

6 Cf. Cecato, 2005, p. XXIII: “Este, como podemos facilmente observar na tabela, é o grupo que mais capítulos agrupou, pois se trata da maneira mais recorrente de explicar palavras; mesmo que o assunto do capítulo não fosse propriamente alguma especulação de língua, a explicação através da origem ou de formas primitivas da expressão em questão, é empregada em grande parte dos capítulos.”

Uma etimologia antiga na Historiografia Linguística: é possível?

Nos dias de hoje, a tarefa fundamental da etimologia é a reconstrução fonética e morfológica da história das palavras. Nesse sentido, faz parte dos estudos diacrônicos e se relaciona especificamente com a história do léxico de uma língua. Como conhecida na atualidade, a disciplina começou a desenvolver-se no final da Idade Média e atingiu sua maturidade científica no séc. XIX. Na antiguidade greco-romana, a prática da etimologia concentrava-se no estudo da origem e congruência das palavras. O aspecto semântico era central em relação ao fonético e ao morfológico. De fato, as mudanças formais das palavras eram vistas como consequências materiais das alterações em um significado original que veiculava a verdade sobre algo no mundo. Assim, todas as mudanças formais, não só as de caráter diacrônico, eram explicadas desse modo; por exemplo, assim se explicavam a declinação nominal e a conjugação verbal. Junto à explicação das mudanças semânticas e, em consequência direta, as formais das palavras, havia um esforço para a reconstrução das formas originais das expressões: uma busca pela verdade essencial das palavras. A etimologia era uma ontologia semântica (Formigari, 2004, p. 39).

A partir do final da Idade Média, com o humanismo e o Renascimento da cultura clássica, ocorre uma mudança pendular de ênfase nos estudos etimológicos, em que os interesses se voltaram aos dados em detrimento, e até em franca crítica, das reflexões teóricas anteriores (Koerner, 1989, p. 52). Houve uma valorização dos vernáculos europeus e um imenso trabalho filológico em prol do estabelecimento de textos fidedignos dos autores clássicos. Ao mesmo tempo, os estudos da retórica e estilística ganharam espaço prioritário na pesquisa e no ensino/aprendizagem das línguas. O ideal de imitação do estilo dos clássicos romanos é tido como a principal finalidade da educação humanista. As reflexões sobre o aspecto fônico e a morfologia das línguas passaram a ocupar o espaço anteriormente reservado às preocupações sintáticas e semânticas, predominantes até o final da Idade Média. Uma das características principais desse novo contexto é o surgimento de uma busca não mais pelas formas verdadeiras, mas sim pelas formas “corretas” das expressões, no estabelecimento dos paradigmas e regras para a composição das gramáticas latinas, gregas, hebraicas e vernaculares então emergentes. As formas corretas não são mais as verdadeiras e sim as de maior prestígio: a língua usada na corte e pelas pessoas instruídas, os usos dos autores consagrados, em conformidade com a interpretação que os renascentistas fizeram das diretrizes de Quintiliano (séc. II d.C.).

Segundo Martins (2011, p. 442), sempre que a antiguidade greco-romana se debruçou sobre a linguagem, a pergunta foi invariavelmente a respeito do sentido das palavras, fosse por intermédio de uma abordagem realista, mentalista ou pragmática⁷. Como se

⁷ Segundo a autora, a Antiguidade legou-nos três ângulos principais para o entendimento de como a linguagem humana significa: (i) o significado das palavras identifica parcelas da realidade (Platão – ângulo realista); (ii)

sabe, a palavra “etimologia”, de origem latina, é composta por dois vocábulos gregos: ἔτυμος (étymos-)⁸ e λογία (-logía). Assim, a própria etimologia do termo que nomeia a disciplina deixa transparecer a preocupação com a correspondência verdadeira entre significante e significado e atesta sua origem nas reflexões da filosofia grega.

A proposta deste artigo é expor algo conspícuo em *Noites Áticas* de Aulo Gélíio: a multiplicidade de sentidos e temáticas que uma única reflexão etimológica antiga suscita e abrange, independentemente de sua assertividade no campo da normatividade gramatical, e até mesmo em sua crítica aos gramáticos. Assim, dos três ângulos gerais da expressão do sentido na linguagem, acima mencionados (Martins, 2011, p. 442), o ângulo pragmático é o predominante nas reflexões etimológicas de Aulo Gélíio, dada sua preocupação na reconstrução do sentido e formas originais de termos que possuíam implicações no campo jurídico; por exemplo, é bastante nítida a preocupação de Gélíio no que diz respeito a questões relativas a heranças. Assim, no décimo terceiro livro de suas *Noites Áticas*, ao iniciar uma discussão sobre as origens das palavras latinas *soror* (irmã) e *frater* (irmão), Gélíio menciona, para o primeiro caso, a solução do célebre jurista romano Labeão Antístico (séc. I d.C.), que, segundo Gélíio “[...] conhecera a fundo as origens de palavras latinas, e se utilizava principalmente dessa ciência para desatar numerosos laços jurídicos perfeitamente”⁹ (*Noites Áticas*, Livro 13, X, p. 437).

Conforme Viaro (2011, p. 19), entendemos que, para o pragmático Aulo Gélíio, a busca de um “étimo é exatamente a reconstrução de um contexto linguístico” perdido e que, em relação à atualidade, é identificado como o causador dela. Nesse sentido, Lazzerini (2023, p. 155) afirma que

Um testemunho de Gélíio (2.10) oferece um exemplo de como tal uso da etimologia poderia integrar outros tipos de pesquisa antiquária. Gélíio relata que o jurista Sulpício Rufo escreveu a Varro para perguntar sobre o significado do termo *fauisae Capitolinae*, que ele tinha encontrado nos arquivos dos censores. Varrão replicou que Q. Lutácio Catulo, encarregado de restaurar o Capitólio depois do incêndio de 83, queria fazer com que o templo de Júpiter ficasse mais alto rebaixando o terreno em volta, mas não foi capaz de fazer isso porque as *fauisae* o impediram¹⁰.

as palavras “representam acontecimentos mentais compartilhados entre falantes e ouvintes” (Aristóteles e Estoicos – ângulo mentalista); (iii) as palavras “são usadas ou vivenciadas no fluxo das práticas e costumes da comunidade linguística”, que é histórica e culturalmente determinada (Sofistas – ângulo pragmático).

8 Acerca deste signo (ἔτυμος, ος, ον) em específico, trazemos a seguir os significados retirados do *Dicionário Digital Grego-Português* da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp): “1 verdadeiro; veraz: ψευδέα πολλά λέγων ἐτύμοισιν ὁμοῖα hom. dizendo muitas mentiras semelhantes a verdades, ψεύσομαι ἢ ἐτυμον ἐρέω; hom. mentirei ou direi a verdade? κόνις... ἔτ. ἄγγελος ésql. o pó... mensageiro veraz ♦ ἐτυμον ou ἐτυμα adv. 2 realmente; verdadeiramente ♦ τὸ ἐτυμον 3 sentido verdadeiro; sentido etimológico de uma palavra (ἐτεός)”.

9 *Latinarumque vocum origines rationesque percalluerat eaque praecipue scientia ad enodandos plerosque iuris laqueos utebatur.*

10 A testimony by Gellius (2.10) offers an example of how such a use of etymology could integrate with other kinds of antiquarian research. Gellius reports that the jurist Ser. Sulpicius Rufus wrote to Varro to inquire

De acordo com o dicionário etimológico de De Vann (p. 237, 2008), o termo *fauisae* (*vaults, subterranean chambers*) é derivado de *fouea* (vala). Assim, Gélío demonstra que a explicação histórica de uma decisão que afetaria a vida dos romanos por gerações, a construção de um templo público à maior divindade do panteão, estava diretamente relacionada com a compreensão de um termo que havia caído em desuso.

No que tange à obra de Gélío, sob a luz da Historiografia Linguística, podemos compreender que existe, sim, uma construção importante das *Noites Áticas* no que se refere aos estudos etimológicos antigos, visto que a partir da análise da obra existe a possibilidade de se analisar as diversas manifestações referentes à origem das palavras dentro de um aspecto metalinguístico, bem como à conceptualização da obra em seu recorte temporal. Isso, todavia, exige uma metodologia cuidadosa para entender a eminência da etimologia presente na antiguidade, a qual, como vimos, é distinta da contemporânea. Assim, em conformidade com Swiggers (2004, p. 116), a Historiografia da Linguística pode ser definida enquanto um estudo "(sistemático e crítico) da produção e evolução das ideias linguísticas, propostas por 'actantes', que estão em interação entre si e com um contexto sociocultural, político e que estão em relação com seu passado científico e cultural". À vista disso, dialogamos com o que Giovanna Valenza (2005, p. 203), que afirma que uma reflexão linguística sobre a origem das palavras pode ser encontrada na *Tékhne grammatiké* de Dionísio Trácio (séc. II a.C.), em que este divide a gramática em "seis partes e coloca a descoberta da etimologia como a quarta". Contudo, conforme a referida autora (2005, p. 203), distinguia-se a aplicação do termo em relação ao contexto da linguística moderna, visto que a etimologia antiga buscava o "'verdadeiro' significado de um vocábulo baseada na análise de suas partes constituintes".

À luz da antiguidade greco-romana, devemos perceber o contexto antigo enquanto um possível objeto de investigação (Koerner, 1989, p. 49) na discussão tanto do papel da linguagem quanto da presença da etimologia, a qual permeia o estudo com interesse pela primeira há bastante tempo. A título de exemplificação, já é perceptível a temática da origem das palavras no *Crátilo* de Platão (séc. IV a.C.), porquanto, com uma explicação não naturalista, nega-se o uso da "capacidade descritiva (etimologia) dos nomes para embasar o conhecimento da coisa nomeada" (Vieira, 2015). De fato, no diálogo em questão, o ponto de partida das discussões linguísticas decorre de uma distinção entre a natureza ou a convenção dos nomes. Exemplo disso encontra-se no seguinte trecho retirado da obra platônica sobre a origem dos nomes dados aos números:

Sócrates – [...] E caso queiras, caríssimo, saltar para os números, de que modo imaginas encontrar nomes que se assemelhem aos números, se não admites a tua homologia e a tua convenção se imponham nisto de dar nome certo às coisas?

about the meaning of the term *fauisae Capitolinae*, which he had found in the records of the censors; Varro, replying to him, recalled that Q. Lutatius Catulus, tasked with restoring the Capitol after the fire of 83, wanted to make the temple of Jupiter stand out by lowering the ground in the surrounding area, but had not been able to do that because 'the *fauisae* prevented that'.

Eu também defendo o princípio de que os nomes devem assemelhar-se quanto possível à coisa representada; porém receio muito que, de fato, como disse há pouco Hermógenes, seja bastante precária a tal força de atração da semelhança e que nos vejamos forçados a recorrer a esse expediente banal, a convenção, para a correta imposição dos nomes. Sem dúvida alguma, o ideal seria que todas as palavras, ou a maioria delas, fossem semelhantes, isto é, apropriadas às coisas designadas; o pior seria o contrário disso (Platão, 1973, p. 187).

No tocante a essa passagem, podemos entender o que Robins (1983, p. 14) explicita sobre a temática de *Crátilo*: a discussão acerca da origem da linguagem e das relações entre os nomes e seus significados. Portanto, uma análise etimológica que não buscava somente compreender a estruturação dos signos, mas também de uma análise da própria origem da linguagem e suas acepções. Ainda em relação à obra platônica, Viaro (2013, p. 28) reforça a questão da etimologia em Platão ao afirmar que

Essa adequação entre significante e significado será, ao final do diálogo, como visto, negada quando Sócrates mostra a Crátilo que deve haver algo de convencional nas palavras, senão “dureza” não seria chamada *sklērotēs* pelos atenienses e *sklērotēr* pelos falantes da Eritreia (434c-d). Essa indiferença na expressão parece negar o valor semântico supostamente natural, pois o *r* e o *s* não denotam a mesma coisa e, nesse caso, porém, parecem iguais.

Já em solo romano, encontramos na obra de Varrão uma análise etimológica baseada na relação analógica entre palavras e coisas (Valenza, 2005, p. 202). Conforme Robins (1983, p. 38), a concepção de vocabulário varroniana desenvolve-se por intermédio de “alterações introduzidas nas formas das palavras básicas”, reunindo “dois planos distintos de estudo: a etimologia histórica e a formação sincrônica da derivação e flexão”. Embora seja um estudo controverso¹¹ para alguns estudiosos tal como supracitado (1983, p. 37-38), percebe-se uma relevância do estudo da etimologia dentro de um contexto antigo cujas abordagens e cujos métodos¹² manifestam-se em diferentes perspectivas. No tocante à referida análise etimológica feita pelo estudioso latino Varrão, a título de exemplo, estamos em consonância com o que é proposto por Amsler (1989, p. 28), uma vez que

11 Cf. Robins (1983, p. 38): “Completa ignorância da história lingüística pode ser observada nas referências que Varrão faz ao grego. Eram evidentes as semelhanças de forma entre palavras gregas e latinas que tinham significados comparáveis. Algumas eram produto de empréstimos feitos em vários períodos da história devido a contatos, ora diretos ora indiretos, mantidos entre as duas comunidades; outras procediam de formas indo-européias mais antigas, cuja existência se pode inferir e que até certo ponto podem ser “reconstruídas” pelos métodos da lingüística histórico-comparada. De tudo isso, porém, Varrão e os demais gramáticos do mundo antigo não tiveram a menor idéia. [...] É lamentável que Varrão e outros escritores da Antiguidade não tenham sabido distinguir estes dois planos de estudo lingüístico, posto que suas observações sincrônicas são mais instrutivas e argutas do que seus ensaios no campo da etimologia histórica.”

12 Cf. Robins (1983, p. 38): “Na sua concepção de vocabulário que se desenvolve a partir de alterações introduzidas nas formas das palavras básicas, Varrão reuniu dois planos distintos de estudo: a etimologia histórica e a formação sincrônica por meio da derivação e flexão. Dentro de cada paradigma, certas palavras foram consideradas como básicas e as outras como produto da “declinação” (*dēclīnātiō*), processo de mudança formal.”

Os linguistas podem debater se essas [exemplificações etimológicas feitas por Varrão] são etimologias aceitáveis (na verdade, precisam debater acerca dessas etimologias se deve existir linguística), mas tais debates estão sempre delimitados por reivindicações a um conjunto de critérios autoritários (sistêmicos ou extrassistêmicos) e a um discurso autoritário que legitima a ciência gramatical (tradução nossa).¹³

Logo, podemos perceber a importância das questões etimológicas na antiguidade e a necessidade de serem trazidas à luz da Historiografia Linguística para que sejam discutidas. Isso é o que propomos a seguir.

A etimologia nas *Noites Áticas*: neologismos e anacronismos

Para nossa análise, seguimos os princípios de Koerner (*apud* Silva, s.d, p. 62-63): contextualização (a formação de um clima de opinião); imanência (definição interna do quadro geral de investigação); adequação (as possíveis “aproximações entre o vocabulário técnico e o quadro de trabalho apresentado”). O primeiro já foi feito brevemente¹⁴ dentro da seção *Considerações iniciais* ao tratarmos de Aulo Gélíio e de sua obra. Neste primeiro momento, trazemos duas passagens escolhidas, de modo a compreender, junto à obra *Noites Áticas*, a presença de uma reflexão etimológica diversificada feita pelo autor:

No Livro V, capítulo VII, Aulo Gélíio discorre sobre a definição da palavra *persona* feita por Gávio Basso. Este, na obra *Sobre a etimologia dos nomes*,

[...] crê que essa palavra é formada a partir de ressoar (*personare*). **2** “Como a máscara que cobre o rosto por completo não tem mais que uma abertura no lugar da boca, a voz, ao invés de se propagar em todas as direções, se concentra para escapar por uma só saída e por isso, torna-se mais forte e penetrante.” Então, porque a máscara torna a voz humana mais sonora e vibrante, recebeu o nome de *persona*, e por causa da forma dessa palavra, o *o* que se encontra nela é longo.

Neste excerto, é perceptível o modo como Aulo Gélíio traz à discussão a origem da palavra “máscara”. A partir da derivação do nome *personae* na base da forma verbal *personare*, o autor discute a influência do conceito sonoro, algo existente na realidade, que interfere dentro da existência da palavra. Ou seja, o vocábulo “máscara” (*personae*) é influenciado pelo uso do objeto na realidade ao existir a ação de “ressoar”, tendo em vista que, em razão de uma passagem reduzida de ar ao se utilizar a máscara, modifica-se a voz humana, tornando-a mais “sonora e brilhante”. Dessa maneira, o verbo *personare* é

13 Cf. “Linguists can debate whether these are acceptable etymologies (in fact, must debate these etymologies if there is to be linguistics at all), but such debates are always bounded by appeals to a set of authoritative criteria (systemic or extrasystemic) and an authoritative discourse which legitimates grammatical science”.

14 O clima de opinião acerca da recepção da obra e da reflexão gramatical proposta por Aulo Gélíio será feito na continuação desse estudo, mais especificamente na construção da dissertação específica acerca da temática, a qual está em andamento.

apreendido como o lastro do nome singular feminino *persona*, com influência, até, em relação ao alongamento da vogal /o/.

No capítulo VII do Livro XI, o auto trata sobre a questão do uso de palavras arcaicas ou de neologismos como tentativa de “erudição” ao *lógos* do indivíduo e as consequências negativas:

Sobre as palavras bastante antigas deixadas de lado – arcaísmos e sobre as palavras novas – neologismos.

1 Comete-se erro empregando tanto palavras antigas, em desuso, como empregando palavras novas sem graça nem harmonia. Contudo, acredito que seja mais digno de repreensão utilizar palavras novas, desconhecidas, jamais ouvidas, sem originalidade e sem nobreza. **2** À classe de palavras novas acrescento também as inusitadas, em desuso e mais antigas. **3** Esse problema acontece quase sempre por causa de uma instrução tardia, que os gregos chamavam *opsimathian*: o que se passa a aprender depois de ter ignorado por muito tempo, quando se aprende algo novo, se quer empregá-lo de qualquer maneira. Assim, em Roma, em minha presença, um advogado, idoso e conhecido nos tribunais, mas com conhecimento precipitado e tardiamente adquirido, falava diante do prefeito da cidade e queria dizer que um homem vivia miseravelmente, comendo pão de farelo (*apluda*) e vinho estragado (*floces*): “O cavalheiro romano come farelo e bebe o bagaço do vinho.” **4** Todos os presentes olharam-se séria e rapidamente e perguntaram-se que palavras eram aquelas, no final, todos soltaram uma gargalhada como se tivessem ouvido não sei que língua gálica ou etrusca. **5** O orador havia aprendido que antigamente os camponeses chamavam o farelo de *apluda*, quem sabe tinha ouvido essa palavra na *Astraba* de Plauto, se é que essa comédia é sua. **6** Da mesma forma, tinha lido a palavra *floces*, que em língua antiga significava o bagaço da uva, como *fraces* significava o bagaço da oliveira. Tinha lido essas palavras nos *Polumenos* de Cecílio, como *apluda* em Plauto e as havia guardado cuidadosamente para empregá-las em seu discurso. **7** Outro orador, munido de leituras desse tipo, também chegou a ser um *apirocalus*, ignorante da verdadeira beleza. Quando seu adversário pediu para adiar a causa, exclamou: “Socorro, pretor, socorro, eu lhe peço, para onde quer nos levar essa enrolação?” E não parava de repetir em altos brados: “É um enrolador”. **8** Essa palavra monstruosa assombrou os presentes e produziu um zumzum geral. **9** Mas ele, com um gesto enfático, disse: “Vocês não leram Lucílio, que chama o falador de *bovinator*?”

De fato, em Lucílio, lê-se: “Esse homem seco, complicador, tem língua sem-vergonha.”

Inicialmente, percebe-se a ideia de se cometer equívocos (linguísticos) ao usar rebuscadamente a língua, seja de maneira arcaica e ou recém-criada. A utilização da língua pelos falantes tem um objetivo muito claro, referente ao uso de palavras arcaicas (vistas em outro momento, em outros autores antigos, tais quais Plauto – séc. III-II a.C.) e Cecílio (séc. III a.C.). A ideia de que o orador “havia aprendido que antigamente os camponeses chamavam o farelo de *apluda*”, por meio de obras cuja linguagem era

quase sempre oral, como as comédias antigas, pode trazer à luz a ideia de coloquialidade enquanto recurso linguístico e discursivo.

Por meio da exposição desses dois capítulos, já conseguimos delinear, ao menos de maneira incipiente, a discussão da linguagem proposta pelas anotações de Aulo Gélíio. Embora a maneira de expor tal questão em cada um dos excertos seja distinta, ele traz, no primeiro, a afirmação de um estudioso e, no último, Gélíio conta uma situação que havia acontecido na presença dele.

O gramático fanfarrão das *Noites Áticas*: a reflexão sobre a etimologia antiga à moda socrática

Na seção anterior, *A etimologia nas 'Noites Áticas': neologismos e anacronismos*, trouxemos algumas passagens para, de modo geral, refletir acerca do que Aulo Gélíio propõe sobre a linguagem e a realidade. Neste momento, então, propomos uma discussão mais específica a partir do capítulo I do Livro IV. Este se inicia da seguinte maneira:

Uma conversa do filósofo Favorino com um gramático meio fanfarrão, mantida à maneira Socrática; no mesmo capítulo, em que termos foi definida a palavra provisões (*penus*) por Quinto Scevola; e como essa definição foi criticada e contestada.

1 Uma multidão de pessoas de quase todas as classes esperava na entrada da casa Palatina o momento de saudar o Imperador; também aí, um certo gramático colocou-se em meio a um grupo de homens instruídos, em presença do filósofo Favorino, mostrando sua futilidade escolar, discorrendo sobre os casos e gêneros dos nomes, com sobranceiras e voz arrogantes como se estivesse proclamando os oráculos da Sibila.¹⁵¹⁶

O autor de *Noites Áticas* demonstra-se insatisfeito com a classe dos gramáticos – algo recorrente em sua obra. O texto se inicia como uma narração de um acontecimento mundano (“Uma multidão de pessoas de quase todas as classes esperava na entrada da casa Palatina o momento de saudar o Imperador”). Contudo, a tranquilidade desse

15 *Sermo quidam Favorini philosophi cum grammatico iactantiore factus in Socraticum modum; atque ibi in sermone dictum, quibus verbis “penus” a Q. Scaevola definita sit; quodque eadem definitio culpata reprehensaque est.* 1 *In vestibulo aedium Palatarum omnium fere ordinum multitudo opperientes salutationem Caesaris constiterant; atque ibi in circulo doctorum hominum Favorino philosopho praesente ostentabat quispiam grammaticae rei ditior scholica quaedam nugalia de generibus et casibus vocabulorum disserens cum arduis superciliis vocisque et vultus gravitate composita tamquam interpres et arbiter Sibyllae oraculorum* (Gélíio, *Noites Áticas*, IV, I).

16 *Tum aspiciens ad Favorinum, quamquam ei nondum etiam satis notus esset: “penus” quoque inquit “variis generibus dictum et varie declinatum est. Nam et “hoc penus” et “haec penus” et “huius peni” et “penoris” veteres dictaverunt; 3 “mundum” quoque muliebrem Lucilius in satirarum XVI non virili genere, ut ceteri, sed neutro appellavit his verbis: legavit quidam uxori mundum omne penumque. Atqui quid mundum, quid non? quis dividet istuc?* (Gélíio, *Noites Áticas*, IV, I).

momento é atrapalhada por um “certo gramático” que mostrava sua “futilidade escolar” em meio a um grupo “de homens instruídos” – ou seja, algo que ele não era. A discussão, então, se desenrola em relação às características e à definição palavra *penus*:

2 Então, dirigindo-se a Favorino, embora não o conhecesse suficientemente, disse: “também *penus* muda de gênero e de declinação. Pois os antigos tanto disseram *hoc penus*, como *haec penus*, *huius penus*, ou *penoris*. **3** Assim, Lucílio empregou ornamentos (*mundum*), no livro XVI das *Sátiras*, não em gênero masculino, como outros, mas em neutro, nestas palavras: “o marido deixou para a mulher todo o seu ornamento e todo o mantimento (*mundum omne penumque*). Como? O que é necessidade e o que é ornamento? Quem pode julgar isso?”²⁵

Em conformidade ao que aponta Seabra Filho (2010, p. 158), entende-se que, gramaticalmente, está correta a afirmação acerca do nome, pois *penus* flexiona dentro dos três gêneros¹⁷, da qual os pronomes demonstrativos destacam essa diferenciação (*hoc*, a depender, aparece junto à palavra neutra e *penus* pode ser encontrada na 2ª declinação; *haec*, a depender, junto ao nome feminino, sendo *penus*, neste último, de 4ª declinação – *penus*, *penus*). Além disso, o termo *mundum*, ainda segundo Seabra Filho (2010, p. 169), trata-se de *mundus*, *mundi*, como nome masculino – ou *mundum*, *mundi*, como nome neutro – tal qual está exposto no trecho citado de Lucílio, “o marido deixou para a mulher todo o seu ornamento e todo o mantimento (*mundum omne penumque*). Como? O que é necessidade e o que é ornamento? Quem pode julgar isso?”, referente ao sentido dos objetos voltados a pessoas masculinas ou femininas e a distinção semântica a partir do uso. Noutras palavras, segundo o gramático, por existir diferenças em relação aos adornos do ponto de vista masculino e feminino, isso se refletiria na utilização da palavra enquanto seu gênero, respectivamente.

4 Continuava em seu trabalho de ostentar sua ciência e incomodar todos os presentes com exemplos, Favorino intercedeu calmamente: “amarei” disse “mestre – qualquer que seja seu nome –, muitas coisas abundantemente você ensinou, que ignorávamos e sequer pensávamos vir a saber. **5** Pois o que me importa, bem como ao meu interlocutor, é que gênero dar a “*penum*” ou a ideia de em que desinência decliná-lo para que façamos uma e outra coisa sem ser excessivamente bárbara. **6** Mas tenho realmente necessidade de aprender o que exatamente significa *penus* e qual a limitação de uso a fim de que não a empregue, no uso cotidiano, como vocábulo impreciso, como fazem os escravos estrangeiros que começam a falar latim.”¹⁸

17 Seabra Filho (2010, p. 158) discorre que “O nome *penus* (provisão de alimento, comestíveis, despensa) varia em gênero gramatical e em declinação: como nome neutro da terceira ou segunda declinação (*penus*, *penoris* ou *penus*, *peni*), como masculino da segunda declinação (*penus*, *peni*), e como feminino da quarta declinação (*penus*, *penus*).”

18 **4** *Atque horum omnium et testimoniis et exemplis constrepebat; cumque nimis odiose blaret, intercessit placide Favorinus et “amabo,” inquit “magister, quicquid est nomen tibi, abunde multa docuisti, quae quidem ignorabamus et scire haud sane postulabamus. 5 Quid enim refert mea eiusque, quicum loquor, quo genere “penum” dicam aut in quas extremas litteras declinem, si nemo id non nimis barbaramente fecerimus? 6 sed hoc plane indigeo discere, quid sit “penus” et qua fini id vocabulum dicatur, ne rem cotidiani usus, tamquam qui in venalibus Latine loqui coepta, alia quam oportet vocem appellem* (Gélio. *Noites Áticas*, IV, I).

Novamente, é perceptível a desavença que Gélío tinha com gramáticos, diferenciando-se deles constantemente: “Continuava em seu trabalho de ostentar sua ciência e incomodar todos os presentes com exemplos” (grifo próprio). Ao passo que venerava filósofos como Favorino: “Favorino intercedeu calmamente: “amarei” disse “mestre – qualquer que seja seu nome –, muitas coisas abundantemente você ensinou, que ignorávamos e sequer pensávamos vir a saber” (grifo próprio). De todo modo, Favorino indica que, embora seja interessante e importante discutir o gênero ou desinência da palavra, mais ainda é apreender o significado dela para que o emprego do vocábulo não se torne “impreciso”.

7 “Você pergunta” respondeu o outro, “nada é mais fácil. Quem ignora que *penum* é vinho, trigo, azeite, lentilhas, favas e também, do mesmo modo, outras coisas?” **8** “Acaso”, disse Favorino, “*penus* é milho, pipoca e cevada”? São palavras do mesmo gênero essas que acabou de mencionar?”. **9** E como o outro guardasse silêncio e hesitasse: “Não quero” disse Favorino “que você tenha trabalhos explicando se podem ser designados os objetos que você enumerou com a palavra *penus*. O que quero é que você, ao invés de citar tais e quais objetos são denominados por *penus*, me dê o significado da própria palavra *penus* e a defina pelo gênero e pelas diferenças.” “De que gênero” – disse o gramático – “e que diferenças você quer falar?, não entendo!” **10** “Você pede – diz Favorino – que o que é dito claramente seja dito mais claramente, mas é muito difícil, pois é bem comum que toda definição consista na enunciação do gênero e das diferenças. **11** Mas se você quiser que eu comece por explicar isso, se é necessário que eu mastigue antes, como dizem, com muito gosto o farei para agradar-lhe.”¹⁹

Como resposta, o gramático (o “outro”) cita diversas coisas que estariam englobadas em *penum*, tais quais: vinho, trigo, azeite, lentilhas, favas. Por outro lado, Favorino traz a réplica no que tange ao gênero das palavras milho (*milium*, neutro), pipoca (*glans*, feminino) e cevada (*hordeum*, neutro) cuja distinção de flexão não afeta, por sua vez, a inserção dentro de *penus*. Assim, Favorino discorre sobre a verdadeira discussão que deveria ser proposta, isto é, sobre o significado próprio do vocábulo, a definição pelo gênero e as diferenças, a despeito da enumeração de possibilidades inseridas na palavra.

12 E depois, começa assim: “Se eu pedir que você me diga com que palavras se caracteriza o que é um homem, penso que não me responderia que homem é você e sou eu. Então isso me mostraria quem é homem e não o que seja o homem. Mas se pedisse essa definição, certamente me diria que o homem é um animal mortal, capaz de raciocinar e de conhecer, ou o distinguiria, por qualquer outra das características que são próprias dele, dos demais seres compreendidos no reino animal. Então, agora peço a você que diga o que é *penus* e não o que se denomina com *penus*.” **13** Assim, o gramático, que agora fala com uma voz

19 **7** “*Quaeris*” inquit “*rem minime obscuram. Quis adeo ignorat “penum” esse vinum et triticum et oleum et lentim et fabam atque huiusmodi cetera?*” **8** “*Etiame*” inquit Favorinus “*milium et panicum et glans et hordeum “penus” est? sunt enim propemodum haec quoque eiusdemmodi*”; **9** *cumque ille reticens haereret, “nolo” inquit “hoc iam labores, an ista, quae dixi, “penus” appelletur. Sed potesne mihi non speciem aliquam de penu dicere, sed definire genere proposito et differentiis adpositis, quid sit “penus”?*” “*Quod*” inquit “*genus et quas differentias dicas, non hercle intellego.*” **10** “*Rem*” inquit Favorinus “*plane dictam postulas, quod difficillimum est, dici planius; nam hoc quidem pervulgatum est definitionem omnem ex genere et differentia consistere.*” **11** *Sed si me tibi praemandere, quod aiunt, postulas, faciam sane id quoque honoris tui habendi gratia* (Gélío. *Noites Áticas*, IV, I).

mansa e humilde, diz “Eu não conheço os segredos da filosofia, nunca desejei conhecê-los e ignoro que a cevada seja parte do que se chama *penus* e em que termos se possa definir a palavra *penus*, mas isso não prova que eu seja ignorante dos outros conhecimentos literários.” **14** “Saiba, disse Favorino já sorrindo, que nossa filosofia está tão apurada quanto a sua gramática para dar a definição da palavra *penus*.²⁰

Para exemplificar (ou mastigar, como ele diz) ao gramático, Favorino entra em uma reflexão sobre a caracterização do que é um homem. À vista disso, ele pede para que o “outro” defina a palavra homem não pela enumeração de quem fosse um (“Se eu pedir que você me diga com que palavras se caracteriza o que é um homem, penso que não me responderia que homem é você e sou eu”). Ele, por sua vez, iria expor a essência da realidade que define um homem, a saber, “o homem é um animal mortal, capaz de raciocinar e de conhecer” ou faria essa significação a partir da distinção das características do homem em comparação aos seres do reino animal. Então, ele não quer saber da apreensão ou do emprego daquela palavra dentro de uma denominação, e sim sobre a existência dela no mundo e quais são suas implicações.

15 Acredito que você se lembrará do que se discute para saber o que quis dizer Virgílio com as palavras “*penum instruere*” ou “*longam*” ou “*longo ordine*”. **16** Mas farei com que você se tranquilize, pois nossos mestres do antigo direito, que foram chamados de sábios, não definiram suficientemente a palavra *penus*. **17** Quinto Escévola, para explicar a palavra *penus*, utiliza as seguintes palavras: “*penus* são as coisas que se come e se bebe, como observa *Mucio*, convém especialmente às coisas que se guardou com antecedência para as refeições do pai de família, dos filhos e dos criados. Não se poderia chamar *penus* o que diariamente se prepara para a ceia: o que se entende por esta palavra com precisão são os objetos de consumo guardados para uso a longo prazo. *Penus* se diz desses objetos guardados (*penitus*) no interior da casa. **18** Ainda que eu tenha me dedicado principalmente à filosofia, não relaxei por causa disso dos estudos desse gênero, pois creio ser humilhante para quem é cidadão romano e fala latim, designar um objeto com nome impróprio ou chamá-lo por um nome que não é seu.”²¹

20 **12** *Ac deinde ita exorsus est: “Si” inquit “ego te nunc rogem, ut mihi dicas et quasi circumscribas verbis, cuiusmodi “homo” sit, non, opinor, respondeas hominem esse te atque me. Hoc enim, quis homo sit, ostendere est, non, quid homo sit, dicere. Sed si, inquam, peterem, ut ipsum illud, quod homo est, definires, tum profecto mihi diceret hominem esse animal mortale rationis et scientiae capiens vel quo alio modo diceret, ut eum a ceteris omnibus separares. Proinde igitur nunc te rogo, ut, quid sit “penus”, dicas, non ut aliquid ex penu nomines.”* **13** *Tum ille ostentator voce iam molli atque demissa: “philosophias” inquit “ego non didici neque discere adpetivi et, si ignoro, an hordeum ex “penu” sit aut quibus verbis “penus” definiatur, non ea re litteras quoque alias nescio.”* **14** *“Scire,” inquit ridens iam Favorinus “quid “penus” sit, non ex nostra magis est philosophia quam ex grammatica tua (Gélio. Noítes Áticas, IV, I).*

21 **15** *Meministi enim, credo, quaeri solitum, quid Vergilius dixerit, “penum struere” vel “longam” vel “longo ordine”; utrumque enim profecto scis legi solitum.* **16** *Sed ut faciam te aequiore animo ut sis, ne illi quidem veteres iuris magistri, qui “sapientes” appellati sunt, definisse satis recte existimantur, quid sit “penus”.* **17** *Nam Quintum Scaevolam ad demonstrandam penum his verbis usum audio: “Penus” est, inquit “quod esculentum aut posculentum est, quod ipsius patrisfamilias aut matris familias aut liberum patrisfamilias aut familiae eius, quae circum eos aut liberos eius est et opus non facit, causa paratum est. ..., ut Mucius ait, “penus” videri debet. Nam quae ad edendum bibendumque in dies singulos prandii aut cenae causa parantur, “penus” non sunt; sed ea potius, quae huiusce generis longae usionis gratia contrahuntur et reconduntur, ex eo, quod non in promptu est, sed intus et penitus habeatur, “penus” dicta est.”* **18** *Haec ego,” inquit “cum philosophiae me dedissem, non insuper tamen habui discere; quoniam civibus Romanis Latine loquentibus rem non suo vocabulo demonstrare non minus turpe est, quam hominem non suo nomine appellare (Gélio. Noítes Áticas, IV, I).*

A argumentação de Favorino é lastreada pela citação do uso da palavra *penus* em autores diversificados, de forma a buscar certa adequação aos quadros e ao vocabulário apresentado: desde o poeta Públio Virgílio Maro (“com as palavras ‘*penum instruere*’”) até o cônsul Quinto Múcio Escévola (“utiliza as seguintes palavras: ‘*penus* são as coisas que se come e se bebe, como observa Mucio, convém especialmente às coisas que se guardou com antecedência para as refeições do pai de família, dos filhos e dos criados”). Ademais, o próprio Aulo Gélíio se adiciona à discussão para trazer a importância de se utilizar adequadamente uma palavra, pois ele crê “ser humilhante para quem é cidadão romano e fala latim, designar um objeto com nome impróprio ou chamá-lo por um nome que não é seu”. Ou seja, há uma designação específica para um nome dentro da língua e a criação ou o uso equivocado era sinônimo de humilhação.

19 Assim, Favorino sabia separar seus interlocutores de uma conversa banal, insignificante ou frívola, a fim de que ouvissem palavras instrutivas e úteis, desprovidas de afetação e originadas da própria conversa. **20** Por causa disso, acredito dever acrescentar as informações seguintes sobre a palavra *penus*. Pensei que Sêrvio Sulpício tivesse dito em críticas sobre os capítulos de Escévola, que Élio Catão não teria entendido por *penus* somente as coisas que se come e bebe, mas também incenso, velas e todos os objetos cuja finalidade se aproxima a *penus*. **21** Contudo, Mansurio Sabino, no segundo livro de seu *Tratado do Direito Civil*, compreende sob a denominação de *penus* tanto as provisões para o mantimento dos cavalos que tivessem sido preparadas, como o que será usado pelo senhor; **22** Ainda que fosse denominado *penus* por alguns (o conjunto de) madeiras, lenhas e carvão, porque pareceriam estar no conjunto de provisões (*penus*), **23** quando o senhor da casa, ao mesmo tempo, guarda e consome os produtos que estariam em sua propriedade, somente se chama de *penus* a parte que consome no período de um ano.²²

Semelhante ao filósofo, Aulo Gélíio também recorre a outros autores para, na anotação dele, discutir o uso da palavra *penus*. Sobre Escévola, ele cita Élio Catão (dentro das críticas de Sêrvio Sulpício) que não teria compreendido *penus* enquanto somente aquilo que é possível de ser ingerido, mas também “incenso, velas e todos os objetos”, cujo fim está próximo ao do vocábulo. Além disso, Mansurio Sabino entende *penus* como “provisões para o mantimento dos cavalos que tivessem sido preparadas, como o que será usado pelo senhor”. Logo, por intermédio de exemplificações variadas, Aulo Gélíio apresenta significações diversas para a mesma palavra, tais quais os diversos sentidos apresentados pelo termo *penus* em diferentes contextos em que o termo é utilizado.

22 **19** Sic Favorinus sermones id genus communes a rebus parvis et frigidis abducebat ad ea, quae magis utile esset audire ac discere, non allata extrinsecus, non per ostentationem, sed indidem nata acceptaque. **20** Praeterea de penu adscribendum hoc etiam putavi Servium Sulpicium in reprehensis Scaevolae capitibus scripsisse Cato Aelio placuisse, non quae esui et potui forent, sed thus quoque et cereos in penu esse, quod esset eius ferme rei causa comparatum. **21** Masurius autem Sabinus in iuris civilis secundo etiam, quod iumentorum causa apparatus esset, quibus dominus uteretur, penori attributum dicit. **22** Ligna quoque et virgas et carbones, quibus conficeretur penus, quibusdam ait videri esse in penu. **23** Ex his autem, quae promercalia et usaria isdem in locis essent, esse ea sola penoris putat, quae satis sint usu annuo (Gélíio. Noites Áticas, IV, I).

Considerações finais

Propusemos, por meio dessa breve exposição e de algumas passagens do autor, de que maneira Aulo Gélíio discorre, junto às diversas temáticas apresentadas e os demais autores citados, sobre a construção gramatical das palavras em latim, do uso dos arcaísmos dentro do período pós-clássico e sua recepção da origem natural e não convencional das palavras, bem como a questão do embate entre filosofia e gramática no que tange a discussões etimológicas, tal como a supracitada, à moda socrática. A etimologia é, portanto, utilizada principalmente para explicar questões semânticas, ao passo que as semelhanças fonéticas entre os termos envolvidos são ancilares para essa discussão.

É perceptível que, sob a luz da Historiografia Linguística, conseguimos apreender uma importância da etimologia na antiguidade greco-romana, principalmente por intermédio da análise do texto antigo e suas contribuições. Assim, buscou-se delinear um caminho frutífero à contribuição que uma análise mais aprofundada, acerca das reflexões etimológicas desenvolvidas nas *Noctes Atticae* podem acrescentar para a compreensão da história dos estudos etimológicos.

Referências

AMSLER, M. *Etymology and Grammatical Discourse in Late Antiquity and the Early Middle Ages*. J. Benjamins Publishing Company, 1989.

BASSETO, B. F. Introdução. In: GÉLIO, A. *Noites Áticas*. Tradução de José Rodrigues Seabra Filho. Londrina: EDUEL, 2010. p. 9-12.

BATISTA, R. *Introdução à Historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

CECATO, C. *As Noites Áticas de Aulo Gélíio: uma proposta de tradução*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

COELHO, O.; HACKEROTT, M. M. Historiografia Linguística. In: GONÇALVES, A.; GÓIS, M. L. (org.). *Ciências da linguagem: o fazer científico?* (Volume 1). Campinas: Mercado de Letras, 2014. p. 381-407.

DE VAAN, M. *Etymological Dictionary of Latin and other Italic Languages*. Leiden/Boston: Brill, 2008.

FORMIGARI, L. *A History of Language Philosophies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

GÉLIO, A. *Noites Áticas*. Tradução José Rodrigues Seabra Filho. Londrina: EDUEL, 2010.

GELLIUS, A. *Noctes atticae*. Ed. P. K. Marshall. Nova York: Oxford University Press, 1968.

KOERNER, E. F. Konrad. Models in Linguistic Historiography. In: *Practicing Linguistic Historiography: selected essays*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1989. p. 47-59.

LAZZERINI, F. The story behind names: Etymology in the service of Roman antiquarianism. *Glotta*, v. 99, p. 154-200, 2023.

MARTINS, H. Três caminhos na Filosofia da Linguagem. In: MARTINS, H. *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2011. p. 439-473.

PLATÃO. *Diálogos*: Teeteto – Crátilo (Volume IX). Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1973.

ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Tradução Luiz M. M. de Barros. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2013.

SILVA, M. Gramática e Historiografia Linguística: reflexões acerca de alguns princípios metodológicos. *Revista do GEL*, v. 3, p. 59-66, 2006.

SWIGGERS, P. Modelos, métodos y problemas em la historiografía de la lingüística. In: *Nuevas aportaciones a la Historiografía Lingüística*, 4: 2003, La Laguna. Actas... La Laguna: ARCO/LIBROS, S. L., 2004. p. 113-145.

VALENZA, G. Etimologia em Varrão: a origem dos nomes de imortais e mortais. *Revista do GEL*, v. 2, p. 201-214, 2005. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/312>. Acesso em: 14 jun. 2024.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VIARO, M. E. Uma breve história da Etimologia. *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 15, n. Esp., p. 27-67, dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v15isep27-67>. Acesso em: 14 jun. 2024.

VIEIRA, C. *Elogiar o cavalo pela sombra do asno*: o funcionamento dos nomes a partir do Crátilo de Platão. 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.